



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MARIA MADALENA AVELINO DA SILVA**

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

**GUARABIRA  
2020**

MARIA MADALENA AVELINO DA SILVA

## **ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Pedagoga.

**Área de concentração:** Fundamentos da Educação e Formação docente.

**Orientador:** Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira.

**GUARABIRA  
2020**

## FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Maria Madalena Avelino da.  
Estágio supervisionado e a educação inclusiva [manuscrito]  
/ Maria Madalena Avelino da Silva. - 2020.  
24 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2020.  
"Orientação : Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira ,  
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."  
1. Estágio supervisionado. 2. Educação inclusiva. 3.  
Formação docente. I. Título  
21. ed. CDD 371.9

MARIA MADALENA AVELINO DA SILVA

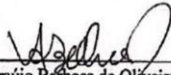
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA


Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Pedagoga.

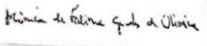
**Área de concentração:** Fundamentos da  
Educação e Formação docente.

Aprovada em: 24/11/2020

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Você considera que o estágio supervisionado te proporciona habilidades e competências para lidar com crianças especiais? .....	15
Gráfico 2: Você conhece algum método que possa ser trabalhado em sala de aula com aluno com algum tipo de deficiência? .....	16
Gráfico 3: Mediante a experiência adquirida no estágio você se considera apto para lidar com alunos especiais?.....	16
Gráfico 4: Você considera a formação dos profissionais da educação suficiente para atender crianças com deficiências? .....	17
Gráfico 5: A escola que você estagiou dispõe de algum tipo de formação sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais? .....	18
Gráfico 6: A escola que você estagiou dispõe de estruturas físicas e recursos didáticos onde o professor possa ter suporte para ministrar sua aula para os alunos especiais? .....	19
Gráfico 7: No seu estágio supervisionado você observou se a sala da AEE é utilizada? .....	19
Gráfico 8: Você acredita que na prática as leis de inclusão são efetivadas no ambiente escolar? .....	20
Gráfico 9: Nos estágios, você viu algum investimento na escola em relação à melhoria do atendimento às crianças especiais? .....	21
Gráfico 10: O que você sugeria para os estágios supervisionados em relação a Educação inclusiva?.....	21

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	9
<b>2.1 O estágio supervisionado e a sua importância para a prática docente</b> .....	9
<b>2.2 O Estágio Supervisionado e a formação docente</b> .....	10
<b>2.3 A Educação Inclusiva e a Lei de Diretrizes e Bases N° 9.394/1996</b> .....	11
<b>2.4 A Educação Inclusiva no Estágio Supervisionado</b> .....	13
<b>2.5 A Inclusão no ambiente escolar</b> .....	14
<b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b> .....	14
<b>3.1 Tipo de pesquisa</b> .....	14
<b>3.2 Campo de pesquisa</b> .....	14
<b>3.3 Instrumento de pesquisa</b> .....	15
<b>3.4 Análise dos dados</b> .....	15
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	15
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	22
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	22
<b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS</b> .....	24

## ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

### SUPERVISED INTERNSHIP AND INCLUSIVE EDUCATION

Maria Madalena Avelino da Silva\*

#### RESUMO

Esta pesquisa teve como finalidade de refletir as práticas que antecedem o estágio supervisionado e a prática que ocorre no momento da experiência do mesmo com foco na educação inclusiva. Com embasamentos teóricos em obras de autores a exemplo de Pimenta; Lima (2010), Eugenio Cunha (2016), Carvalho (2004), Passerini (2007), buscou-se discutir a importância da formação inicial do Estágio Supervisionado onde ocorre as práticas docente, assim como também as perspectivas dos estagiários quanto à inclusão de alunos com deficiências nas escolas onde eles estagiaram. O presente trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa, com objetivo de analisar se os estagiários se sentiram preparados para os desafios encontrados em sala de aula onde tinha alunos deficientes matriculados e se eles conseguiram desenvolver atividades que o incluíssem. Para desenvolver este estudo aplicamos um questionário de forma presencial no mês de setembro de 2019, com 23 estagiários, dentre eles vinte uma (21) mulheres e dois (2) homens que cursavam o 7º período do curso de pedagogia da UEPB- Campus III da cidade de Guarabira/PB.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado. Educação inclusiva. Formação docente.

#### ABSTRACT

This research aimed to analyze the theories that precede the Supervised Internship and the practice that occurs at the time of its experience with a focus on inclusive education. With theoretical foundations in works by authors such as Pimenta; Lima (2010), Eugenio Cunha (2016), Carvalho (2004), Passerini (2007), sought to discuss the importance of the initial training of the supervised internship where the teaching practices take place, as well as the perspectives of the trainees regarding the inclusion of students with disabilities in the schools where they interned. The present work was developed through qualitative research, with the objective of analyzing whether the trainees felt prepared for the challenges encountered in the classroom where they had disabled students enrolled and if they were able to develop activities that included them. To develop this study we applied a questionnaire in person in September 2019, with 23 interns, including twenty-one (21) women and two (2) men who attended the 7th period of the pedagogy course of UEPB- Campus III of the city of Guarabira/PB.

**Keywords:** Supervised Internship. Inclusive education. Teacher training.

---

\* Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa buscamos refletir as praticas que antecedem o Estágio Supervisionado e na observação da práxis docente sob a perspectiva da Educação Inclusiva. Buscamos discutir a importância da formação inicial, do Estágio Supervisionado voltado às práticas educativas e inclusivas, bem como o ponto de vista dos estagiários em relação à inclusão de alunos com deficiência nas escolas onde ocorreu o estágio.

Para muitos alunos o estágio supervisionado é a sua primeira experiência na sala de aula como docente, é através dele que os discentes têm contato com o ambiente escolar e conseguem associar teoria-prática, percebendo, assim, os desafios que permeiam o sistema educacional das escolas-campo. No estágio supervisionado o discente vai construindo o seu perfil docente; questiona a realidade que o cerca; reflete a sua prática e as suas vivências, e se autoavalia. Ressaltam Pimenta e Lima (2004), "o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia a dia".

Neste trabalho buscamos dialogar com diferentes autores, fazer a correlação com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394/1996) - a principal Lei que trata de toda a educação brasileira, isto é, das suas garantias desde a educação básica até o ensino superior – assim como responder às seguintes inquietações: Qual é a visão dos estagiários acerca da educação inclusiva? Quais foram as suas percepções da educação inclusiva através do estágio supervisionado? Esses estagiários sentiram-se preparados para a docência e a educação inclusiva com base na sua bagagem teórica aprendida na graduação? Como o estagiário deve se portar em sala de aula com alunos com deficiências? Quais atividades e métodos eles precisam usar para que alunos com deficiências sejam incluídos em suas aulas?

Portanto, este estudo se justifica pela relevância de refletir sobre a preparação e a experiência dos alunos do curso de Pedagogia em seus estágios supervisionados, sobre a relação teoria e prática, sobre as possibilidades que o estágio traz, sobre os desafios que os discentes percebem no decorrer do estágio, e também no tratamento dado à Educação inclusiva nas escolas estudadas.

O método utilizado para a obtenção dos dados foi a pesquisa de campo, a qual foi aplicada à turma do curso de Pedagogia do 7º período, turno matutino, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III, situado na cidade de Guarabira – PB. Valeu-se de um questionário composto por 9 (nove) perguntas objetivas e 1 (uma) pergunta de múltipla escolha, tendo como participantes vinte e três graduandos (dois homens e vinte e uma mulheres). A pesquisa de campo foi realizada em setembro do ano de 2019.

No primeiro capítulo, abordaremos as discussões sobre o estágio supervisionado, o seu contexto histórico, a sua importância e a relação entre teoria e prática. No segundo capítulo, discutiremos sobre o estágio supervisionado e a formação do professor, as dificuldades e a construção da identidade docente. No terceiro capítulo, analisaremos o estágio supervisionado segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Já no quarto e último capítulo, refletiremos sobre a educação inclusiva nas escolas públicas brasileiras, a inclusão dos alunos com deficiência e as perspectivas e as experiências dos discentes com relação à inclusão e ao estágio.

A pesquisa teve como principal objetivo de analisar se os estagiários entrevistados se sentiram preparados para os desafios presentes em sala de aula com alunos com deficiências, e se eles conseguiram desenvolver atividades que incluíssem esses alunos. Dessa forma, utilizamos gráficos para proporcionar uma melhor compreensão dos dados obtidos nos questionários.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O estágio supervisionado e a sua importância para a prática docente

O Estágio supervisionado é imprescindível para a formação dos alunos de cursos de licenciatura, é inquestionável a relevância que ele traz para o discente, proporcionando descobertas e trocas de experiências através do contato com o ambiente escolar no qual encontram alunos, gestores e professores da escola-campo que possibilitam a reflexão sobre a Educação, à docência e as suas práticas.

Ao longo de quatro anos de formação universitária, os graduandos estudam diferentes componentes teóricos que os preparam para adentrar a sala de aula, dessa forma o momento do Estágio proporciona que os discentes relacionem as teorias que foram aprendidas na universidade com a efetivação da prática escolar, assim sendo construída a sua identidade como profissional da Educação. Andrade (2005, p.2), mostra-nos que:

É, portanto, o Estágio, uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência - fazer bem o que lhe compete. (ANDRADE, 2005, p. 2)

É corriqueira a situação em que os estudantes de cursos de licenciatura passam a se questionar sobre como se portarão dentro de uma sala de aula, quais serão os métodos que vão utilizar nas aulas que irão ministrar e, por vez, se esses métodos funcionarão. Os alunos se auto questionam sobre sua preparação quando se deparam com a diversidade presente no ambiente escolar, então é a partir do Estágio supervisionado que eles fazem uma reflexão sobre sua postura, sua prática docente, suas metodologias utilizadas e as trocas de experiências tanto com os professores supervisores da escola-campo, quanto com os seus colegas de turma quando estes apresentam suas vivências. De acordo com Pimenta e Lima (2010, p. 98-99):

O período de práticas é especialmente propício para abordar todo o espectro de conhecimentos e competências que pretendemos que nossos estudantes alcancem. O estágio permite completar as aprendizagens disciplinares e enriquecê-las mediante a possibilidade de aplicá-las em contextos profissionais reais. Porém, junto a isso, incorporam-se à formação outros elementos que têm a ver com a atitude intelectual, com a capacidade de trabalho em equipe, a capacidade de adaptar-se a situações novas e, às vezes, exigentes, a capacidade de comprometer-se e assumir responsabilidades, a capacidade de idealizar e empreender, entre outros. Todas essas aprendizagens que são (como ressaltamos) valores substanciais de uma boa formação encontram, às vezes, melhor acomodação nos períodos de estágio que no trabalho em aulas e laboratórios. (PIMENTA; LIMA, 2010, p. 98-99)

As reflexões que antecedem os estágios se deram mediante as leituras e os debates em sala de aula em todos os componentes curriculares, os quais são essenciais para dar suporte à prática educativa após a graduação. As professoras responsáveis por ministrar os componentes curriculares de Estágio são importantes no processo da relação universidade-

escola, pois elas foram as responsáveis por encaminhar os estagiários às escolas a fim de que estes possam orientar e apoiar os professores atuantes, assim como possam também explorar, descobrir e aperfeiçoar suas habilidades enquanto docentes. Para Andrade (2005, p. 2), “Com a Teoria como Referência, a Prática como ferramenta o professor deve procurar o real que se apresenta diferente a cada dia”, ou seja, a construção docente se dará na prática quando os estagiários chegam à sala de aula tendo como base as diversas teorias discutidas na academia, e essas são confrontadas com a realidade nas suas regências, proporcionando, assim, novas experiências que enriquecem ainda mais a sua identidade enquanto profissional da educação.

O estagiário é alguém que carrega muitas descobertas e deseja levá-las para o seu primeiro contato com a sala de aula a fim de construir a sua prática, mas ao deparar-se com a realidade e os desafios enfrentados pelo docente da escola-campo, ele começa a entender que terá de construir a sua bagagem para além da teoria para ressignificar e flexibilizar, sempre que possível, o seu método de ensino.

Sabendo que os componentes curriculares que antecedem os Estágios são importantes para refletir a prática, percebe-se que há uma defasagem quanto à preparação dos discentes para enfrentar a realidade da educação pública, ou seja, é importante que as universidades reflitam melhor sobre a aproximação dos discentes com a prática e que os conteúdos programáticos ofertados pelo curso sejam voltados para o momento do estágio, a fim de que os alunos sintam-se mais seguros e não tenham um choque de realidade e percebam um distanciamento entre as teorias e as práticas. Segundo Pimenta e Lima (2010, p.109) “em especial no caso das disciplinas de claro sentido profissional, os conteúdos adquirem um significado muito mais claro se os alunos tiverem previamente alguma experiência de prática.”, portanto, a prática e a teoria devem caminhar juntas de modo que o estagiário consiga perceber essa relação e, a partir disso, construa a sua docência.

O primeiro estágio supervisionado é ofertado no sexto período do curso de licenciatura em Pedagogia do Campus III, o qual ocorre em três momentos: no sexto, sétimo e oitavo período. No sexto período, o estudante com formação em licenciatura em Pedagogia é levado ao seu primeiro contato com a sala de aula, isso acontece na Educação infantil (creches e pré-escolas) e nos primeiros encontros o estagiário tem o processo de sondagem e observação para poder planejar as regências considerando a rotina que crianças levam no ambiente e no decorrer já começam a planejar as aulas com embasamento possíveis.

No sétimo período, o estágio acontece no Ensino fundamental I, os desafios continuam reforçando que o docente precisa estar preparado a planejar as suas aulas de modo flexível, pois imprevistos surgem na sala de aula e são eles que despertam o olhar do educador para o contorno das situações e a realização dos seus objetivos para aquela aula. Mesmo o tempo sendo insuficiente para conhecer as peculiaridades de cada discente, é no estágio que ele vai construir a sua práxis e por meio das pequenas atitudes improvisadas que ele percebe que a aula precisa ser refeita quantas vezes for preciso, pois está sujeita a modificações.

O terceiro e último estágio supervisionado, acontece na área de Gestão escolar, nesse momento os estagiários irão adentrar a escola com o olhar voltado para a administração e as partes burocráticas, podendo perceber os desafios que o gestor enfrenta para fazer uma gestão democrática, e de que forma ele tenta assegurar a participação da família e da comunidade escolar no processo de ensino.

## **2.2 O Estágio Supervisionado e a formação docente**

O período do estágio enriquece a formação do docente porque ele aprimora na prática aquilo que foi assimilado da teoria estudada na academia, podendo fazer essa ponte entre a teoria e a prática, principalmente, porque muitas vezes é uma das únicas oportunidades de

estar em sala de aula, encontrar respostas para muitas perguntas e questionamentos que foram feitos ao longo da trajetória acadêmica. O graduando sairá da sua zona de conforto para experimentar os desafios que abrangem a educação e refletir sobre os diferentes métodos de ensino e seus reflexos. Ou seja, é através dos momentos vivenciados no estágio que o docente em formação tem na prática a noção de como as coisas acontecem e do que é preciso ser planejado. No final de cada regência, ele faz uma reflexão do que deu certo ou errado em cada plano de aula, revê os métodos e os objetivos traçados para determinada aula, e sem dúvidas vive uma experiência única que só o estágio lhe proporciona. Conforme PIMENTA; LIMA (2010, p. 54):

O estágio, então, deixa de ser considerado apenas um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores. Poderá permear todas as suas disciplinas, além de seu espaço específico de análise e síntese ao final do curso. Cabe-lhe desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresentam as dificuldades. Dessa análise crítica, à luz dos saberes disciplinares, é possível apontar as transformações necessárias no trabalho docente, nas instituições. (PIMENTA; LIMA, 2010, p. 54)

A docência é uma construção, ou seja, ninguém entra na sala de aula pronto, a prática é quem vai aprimorar e construir a identidade do educador ao longo da sua jornada, assim como vai refletir as suas conquistas e os seus progressos em cada turma regida. Ressalta Passerini (2007, p. 18), que:

O processo de formação do professor é contínuo, inicia-se antes mesmo do curso de graduação, nas interações com os atores que fizeram e fazem parte de sua formação. E este processo sofre influência dos acontecimentos históricos, políticos, culturais, possibilitando novos modos de pensar e diferentes maneiras de agir perante a realidade que o professor está inserido. (PASSERINI, 2007, p. 18)

Portanto, a formação acontece de maneira contínua, permitindo ao estagiário aprimorar seus métodos conforme ministra suas regências. O primeiro contato direto com a sala de aula como estagiário é um momento peculiar e curioso tanto para ele quanto para o aluno, enquanto este passa a perceber a nova postura docente através de aulas mais lúdicas, criativas e inovadoras; aquele sente a insegurança de estar assumindo uma turma que não conheceu no início do ano letivo, mas principalmente por desconhecer o grau de dificuldade de aprendizagem que cada um carrega.

### **2.3 A Educação Inclusiva e a Lei de Diretrizes e Bases N° 9.394/1996**

É importante ressaltar que a Educação Inclusiva é algo bastante importante para ser debatido, então, para entendermos como acontece todo esse processo de direitos e deveres, é preciso reforçar a relevância do estágio na formação docente, para fazer um apanhado do que a lei nos apresenta sobre a educação, isto é, é necessário que o futuro professor conheça a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/ 1996 que traz deveres do Estado quanto ao acesso à educação e as suas garantias invioláveis para que a criança entre na escola e permaneça até a sua formação integral.

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo.

§ 1º O poder público, na esfera de sua competência federativa, deverá:

I – recensear anualmente as crianças e adolescentes em idade escolar, bem como os jovens e adultos que não concluíram a educação básica;

II – fazer-lhes a chamada pública;

III – zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

§ 2º Em todas as esferas administrativas, o Poder Público assegurará em primeiro lugar o acesso ao ensino obrigatório, nos termos deste artigo, contemplando em seguida os demais níveis e modalidades de ensino, conforme as prioridades constitucionais e legais.

Como vimos no Artigo 5º da LDB, a educação é garantida a todos sem exceção e compete ao poder público juntamente com os pais ou responsáveis zelar para que as crianças frequentem a escola. Grande parte dos cidadãos não conhece os seus direitos e isso implica em crianças com algum tipo de deficiência não matriculadas nas escolas. A LDB assegura que todas as pessoas sem exclusão têm o direito de acessar ao ensino público e de qualidade, mas que existem crianças com deficiência que não tem acesso à educação ou por vezes participam das atividades educativas de forma excludente por falta de estruturas físicas da escola e da formação defasada dos profissionais da educação.

O capítulo V da LDB irá tratar sobre a Educação especial e diz que:

Art. 58 . Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

§3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

São muitos os desafios acerca de uma educação inclusiva, pois a realidade das escolas brasileiras é que elas são superlotadas, cheias de problemas e de dificuldades, assim, realizar o que está previsto na lei nem sempre acontece, primeiramente porque grande parte dos pais não tem conhecimento suficiente para reivindicar os direitos dos seus filhos. Com isso as crianças são segregadas de seus direitos. Os alunos com deficiências são assegurados pela lei de estarem matriculados e assim sendo participarem do ensino regular como qualquer outra criança, mas que ela quando necessário, que a mesma conte com os serviços de apoio.

Carvalho (2004, p.29) afirma que:

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresente, dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento. (CARVALHO, 2004, p. 29)

A inclusão deixará de ser utopia quando todos que fazem parte da comunidade escolar se unem em um mesmo objetivo que é incluir a todos e que a escola esteja preparada não só no tocante à estrutura física, mas no que diz respeito à metodologia adotada pelo professor para ensinar aquela criança com deficiência.

#### **2.4 A Educação Inclusiva no Estágio Supervisionado**

Atualmente muito se tem falado sobre a Educação Inclusiva, mas foi a partir dos anos 90 que ela passou a ser o centro das discussões e das pautas. Antes o que se entendia por ensino ofertado aos alunos com deficiência era na realidade segregação, pois os alunos com deficiências eram matriculados e não frequentavam por não terem um estímulo e as suas necessidades atendidas. Como aborda a Declaração de Salamanca, “as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar.” (UNESCO, 1994), ganhou evidências a necessidade de repensar a educação com enfoque nas mudanças de metodologias da escola, onde as mesmas deveriam se adequar a essa realidade de modo que incluía todos os alunos independentes da existência de patologia ou não.

A bandeira da inclusão no ambiente escolar é uma luta diária, para que ela realmente aconteça não basta que os alunos estejam matriculados ou até mesmo frequentem a sala de aula, pois para pensar em uma escola inclusiva e na prática de inclusão, é preciso pensar em políticas voltadas para isso, mas na maioria das vezes é apenas algo escrito e não praticado. A falta de recursos para auxiliar as atividades, a falta de estrutura física nas escolas e a formação dos professores são algumas das diversas dificuldades que a escola enfrenta.

A educação inclusiva proporciona aos alunos com deficiência a oportunidade de seu desenvolvimento social e a interação com as outras crianças é importante para que elas possam desenvolver a sua autonomia. A inclusão só acontece quando de fato as pessoas começam a enxergar o outro com respeito e dignidade, a escola como ambiente responsável por trabalhar na construção do ser social, precisa buscar todos os recursos para que a criança com deficiência não fique de fora, que ao está no ambiente escolar não esteja segregado, que a escola busque alternativas pedagógicas pautando a inclusão e possa inserir o aluno especial como garante a constituição federal de 1988 em seu artigo 208 inciso III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

Portanto é necessário um conjunto de parcerias, principalmente com a família, para que possa obter êxito na aprendizagem da criança, a família tem papel importantíssimo no desenvolvimento, quando os pais se preocupam com a aprendizagem da criança, cria um vínculo mais próximo com a escola, busca todos os meios legais para que seu filho(a) esteja aparado.

Na grade curricular do curso de Pedagogia, temos um componente chamado “Educação Inclusiva”, nele estudamos sobre diferentes tipos de deficiência, Leis que asseguram os direitos das pessoas com deficiência e a importância da inclusão dessas crianças dentro da sala de aula. Em nosso cotidiano muito se tem falado sobre a Educação inclusiva, e pensar sobre a mesma é entender que assim como as demais crianças, aquelas com deficiências físicas ou intelectuais também tem direito à educação formal, pública e de qualidade e, por isso, devem ser incluídos no processo de ensino e aprendizagem para que suas limitações sejam trabalhadas e consigam desenvolver seus potenciais ao longo de sua trajetória.

O estagiário chega à escola e depara-se com uma criança com necessidade especial, caso a academia não o tenha preparado para trabalhar o ensino inclusivo, ele não saberá conduzir a aula e entenderá aquela situação como um desafio que precisa ser superado e ser revisto para que a aprendizagem de fato aconteça. Pensando nisso, a oferta de disciplinas voltadas para a educação inclusiva deveria ser pautada nos planos de cursos pensando em um estágio supervisionado voltado para a área da educação especial, a qual os alunos da área da educação pudessem ter contato mais próximo com essa realidade.

## **2.5 A Inclusão no ambiente escolar**

Sabemos que há vários tipos de inclusão, mas aquela que tratamos remete ao ambiente escolar por ser ele o ponto de encontros diários, por ser também o local formal onde é trabalhado a construção do ser social e o acolhimento da diversidade. Assim, é preciso que as escolas tenham postura para trabalhar, criar estratégias e metodologias que incluam os alunos e ofereçam uma educação de qualidade para todos. E é dever da escola proporcionar essa inclusão, tirá-la do papel e colocá-la em prática para que os alunos com deficiência desfrutem dos seus direitos ao conhecimento.

Orientar e mediar o ensino para a aprendizagem dos alunos; responsabilizar-se pelo sucesso da aprendizagem dos alunos; assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos; incentivar atividades de enriquecimento curricular; elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias, estratégias e material de apoio; desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe (MEC, 2000, p. 5)

Portanto, a escola precisa se adequar às necessidades educativas do aluno especial, oferecer todo suporte em sua integração, visando sua aprendizagem, respeitando o seu tempo de aprender, levando em conta não o alfabetizar em si, mas a interação daquele aluno, sua autonomia e seu deslocamento a partir do ambiente escolar para o mundo.

Precisa-se ter a consciência de que não é o aluno que tem que se adequar a escola, mas é esta que precisa dispor de estruturas físicas, de profissionais preparados e de recursos que promovam a integração e desenvolvimento do aluno com deficiência.

## **3 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

### **3.1 Tipo de pesquisa**

Esta pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa, pois ela consiste em levar em consideração o ponto de vista do indivíduo em relação ao tema do estudo, pois segundo Malheiros (2011, p. 188), a abordagem qualitativa parte do princípio de que a realidade só existe do ponto de vista da pessoa.

### **3.2 Campo de pesquisa**

Nesta pesquisa foi desenvolvida uma coleta de dados com os alunos que cursavam o componente curricular Estágio Supervisionado II do curso de Pedagogia da turma 2016.1, da

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus III, na qual contamos com a participação de 23 (vinte e três) estagiários, destes, 21 (vinte e uma) mulheres e 2 (dois) homens.

### 3.3 Instrumento de pesquisa

Como instrumento para a coleta de dados desta pesquisa, foi utilizado um questionário formatado (Apêndice A), contendo 9 (nove) perguntas objetivas, e 1 (uma) questão de múltipla escolha (Apêndice A), e aplicado de forma presencial (antes da pandemia do Covid-19) os alunos que cursavam o componente curricular Estágio Supervisionado II do curso de Pedagogia da turma 2016.1, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus III.

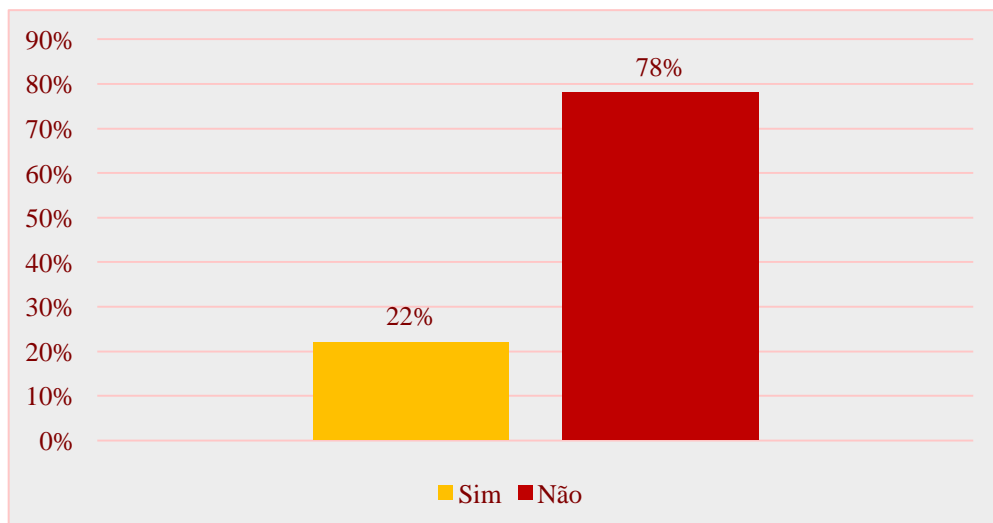
### 3.4 Análise dos dados

A análise e interpretação dos dados deram-se por meio da análise descritiva com embasamento no referencial teórico. Desse modo, intencionou-se neste trabalho de pesquisa conhecer a realidade dos estagiários em relação a suas experiências com a educação inclusiva através do estágio supervisionado.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para uma melhor compreensão dos resultados e discussões da pesquisa, iremos apresentar através dos gráficos abaixo com os resultados obtidos.

**Gráfico 1:** Você considera que o estágio supervisionado te proporciona habilidades e competências para lidar com crianças especiais?

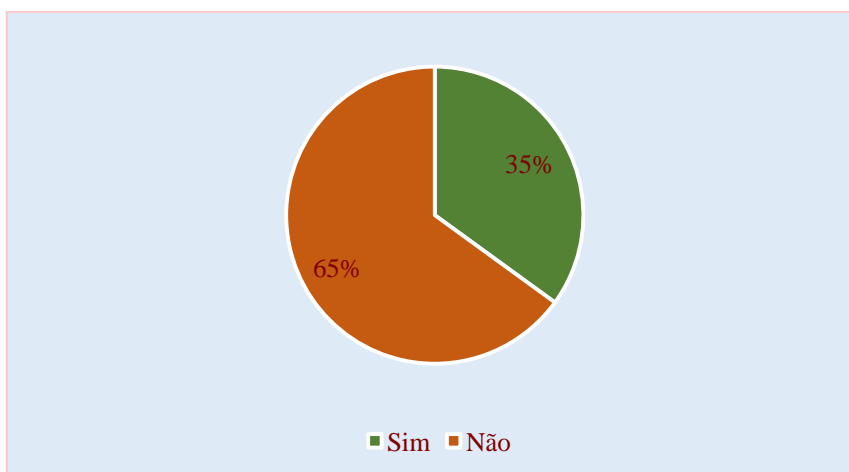


Fonte: Pesquisadora, 2020.

Conforme o Gráfico 1, percebemos que, 78% responderam que o estágio não proporciona habilidades e competências para lidar com crianças especiais, enquanto 22% responderam que sim. É perceptível que as experiências entre os estagiários são diferentes, tendo em vista que alguns deles podem não ter tido contato com a educação inclusiva de

forma direta e esse pode ter sido o motivo para que houvesse um percentual baixo no que se refere ao se aperfeiçoar durante o estágio em relação a inclusão.

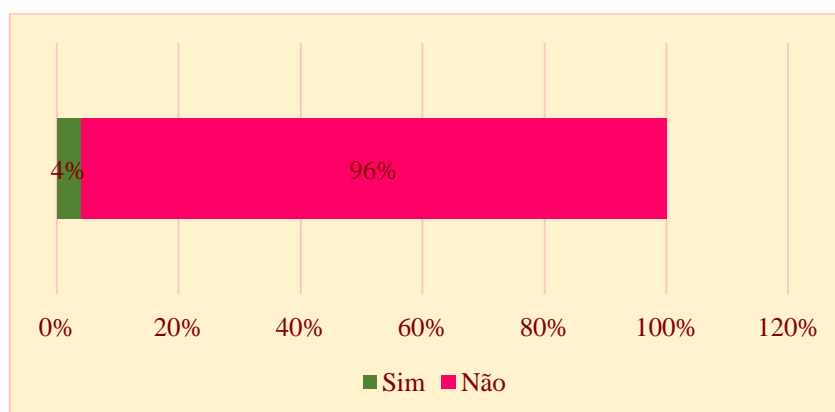
**Gráfico 2:** Você conhece algum método que possa ser trabalhado em sala de aula com aluno com algum tipo de deficiência?



Fonte: Pesquisadora, 2020.

Conforme o Gráfico 2, podemos analisar que, ao serem questionados se conhecem algum método para ser trabalhado em sala de aula com alunos com algum tipo de deficiência, 35% das respostas foram que não, enquanto 65% responderam que conhecem algum método. Isso reforça que o momento que antecede o estágio deve ser aproveitado com experiências que preparem os estagiários para lidar com a educação inclusiva, pois sem este preparo, os estagiários não se sentirão preparados para incluir as crianças nas atividades. Portanto, nos abre a reflexão de que mesmo conhecendo os métodos, muitos alunos não conseguiram colocar em prática no estágio supervisionado, nos cabe repensar acerca de disponibilizar componentes que leve a aproximação da prática com a educação inclusiva.

**Gráfico 3:** Mediante a experiência adquirida no estágio você se considera apto para lidar com alunos especiais?



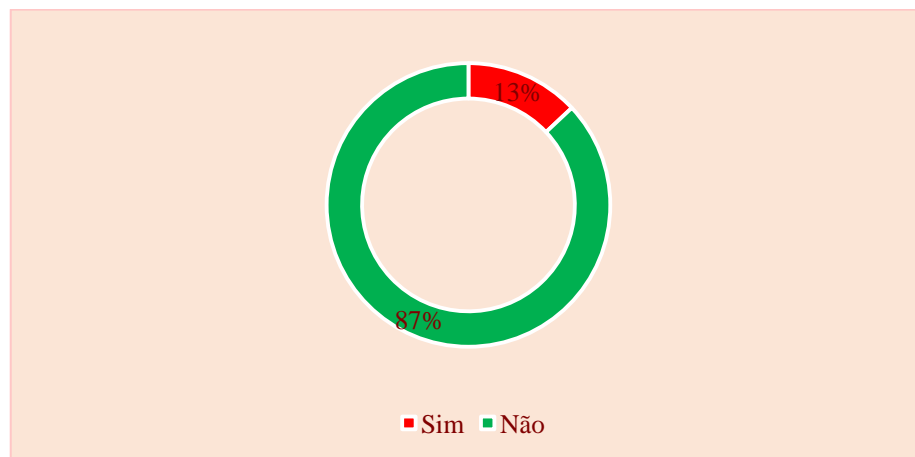
Fonte: Pesquisadora, 2020.

Ao observarmos o Gráfico 3, identificamos que, em relação às experiências do estágio



supervisionado, 96% dos estagiários responderam que não se sentem aptos para lidar com os alunos especiais, enquanto 4% responderam que sim. Devemos levar em consideração que grande parte dos estagiários não passou por turmas em que tivesse alunos com deficiência matriculados, e por isso não tiveram a experiência com a educação inclusiva, deste modo mais uma vez reforça a importância de se pensar nessa ausência na formação, pois o estágio não é suficiente para os desafios que os graduandos encontrarão por toda a jornada como docente.

**Gráfico 4:** Você considera a formação dos profissionais da educação suficiente para atender crianças com deficiências?



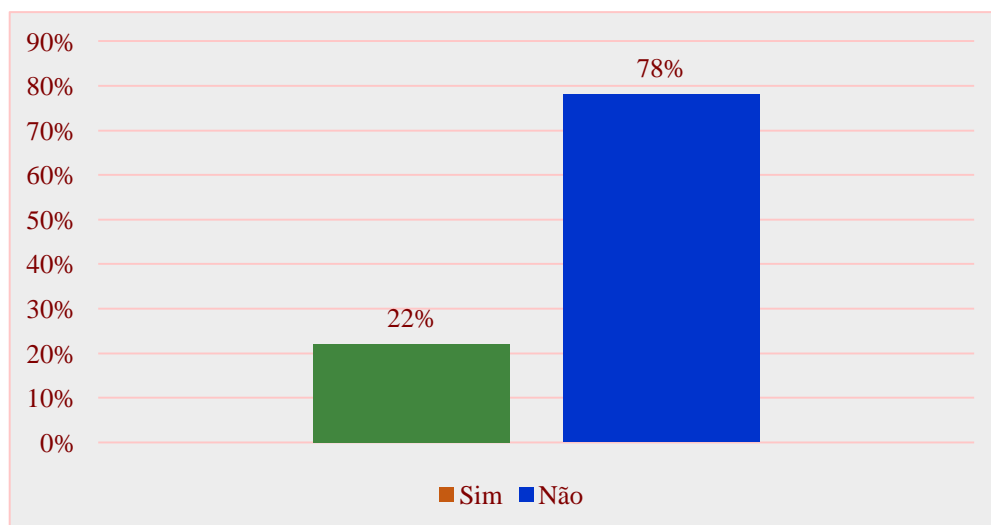
Fonte: Pesquisadora, 2020.

Após analisarmos o Gráfico 4, percebe-se que buscar meios para uma formação continuada proporcionará ao profissional da educação habilidades para despertar e desenvolver condições de aprendizagem na criança. Segundo Eugenio Cunha (2016, p.139):

Certamente não se pode falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão. É necessário que ele acredite no indivíduo, no seu potencial humano e na sua capacidade de reconstruir o seu futuro. Incluí-lo na prática docente torna-se o movimento que dará início ao processo de emancipação. [...] a inclusão escolar inicia-se no professor. (CUNHA, 2016, p. 139)

Desta maneira, percebemos a importância do professor nesse processo de inclusão dentro da sala de aula, como também, na escola em geral, pois é através dos professores que os alunos são inseridos na educação.

**Gráfico 5:** A escola que você estagiou dispõe de algum tipo de formação sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais?



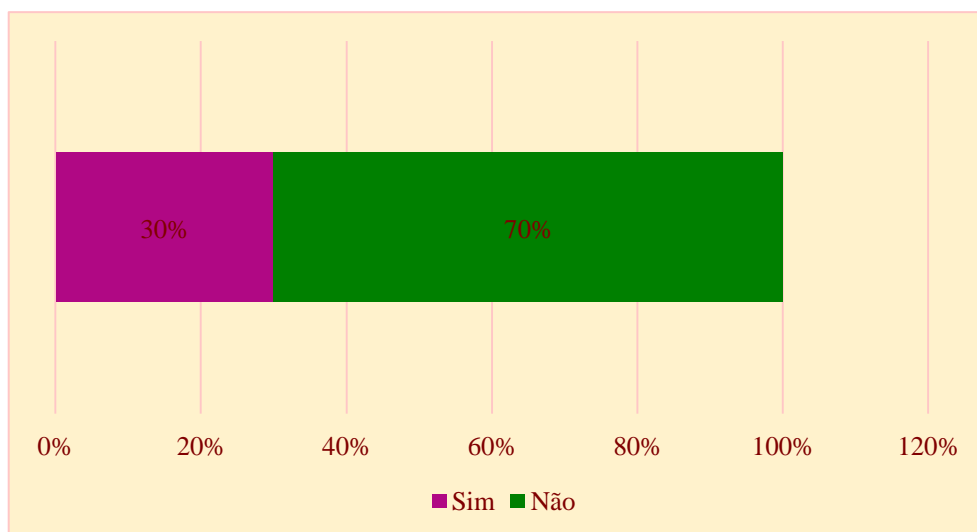
Fonte: Pesquisadora, 2020.

De acordo com o Gráfico 5 acima, identificamos que, ainda é uma realidade a ausência dessa preparação, para que aconteça uma educação onde possa atingir a todos de forma inclusiva, o primeiro passo é criar meios que envolva todo espaço escolar. Segundo Jesus (2006, p.97):

[...] ganham especial relevância os discursos e as ações dos professores, porque, em última instância, são eles que, no meio de seus medos, dúvidas, ansiedades, disponibilidades, acolhimentos e possibilidades, assumem os alunos em suas salas de aula. São as práticas pedagógicas aí desenvolvidas que podem contribuir ou não para a aquisição do conhecimento por todos os alunos. (JESUS, 2006, p. 97)

Nesse sentido, a metodologia utilizada em sala de aula, resultará na forma com que ele irá acolher e incluir os alunos nesse processo de ensino, que envolve tantos sentimentos, como o medo e insegurança por estar lidando com algo diferente.

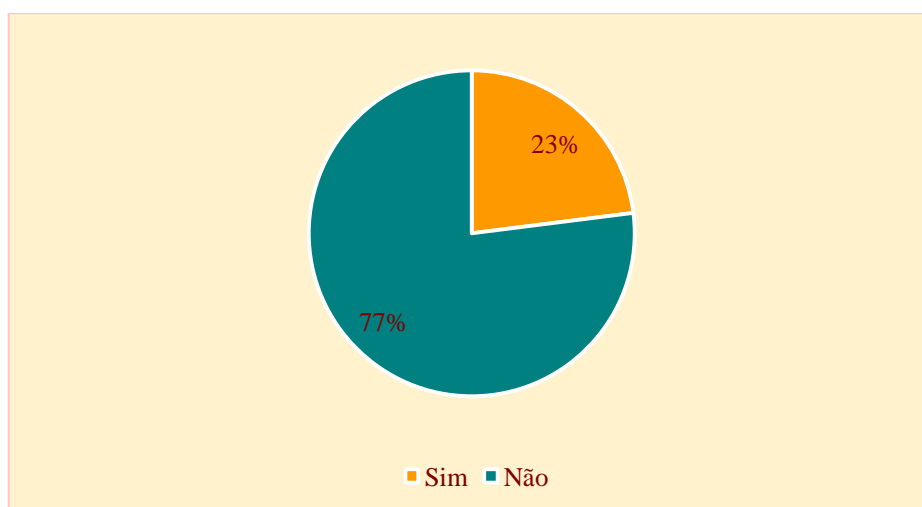
**Gráfico 6:** A escola que você estagiou dispõe de estruturas físicas e recursos didáticos onde o professor possa ter suporte para ministrar sua aula para os alunos especiais?



Fonte: Pesquisadora, 2020.

Conforme o Gráfico 6, podemos analisar que, a maioria dos espaços escolares não dispõe de estrutura física e muito menos recursos didáticos infelizmente é uma realidade constada. Como se pensar que a educação inclusiva ser algo efetivado nas escolas onde a maioria não dispõe sequer de uma simples rampa, onde o banheiro não é adaptado? Portanto é indispensável a necessidade de um olhar com mais humanidade para as escolas principalmente as mais distantes dos grandes centros, onde os pais se quiserem que os seus filhos tenham uma educação digna se migram para outras escolas e em muitos casos distantes das suas casas.

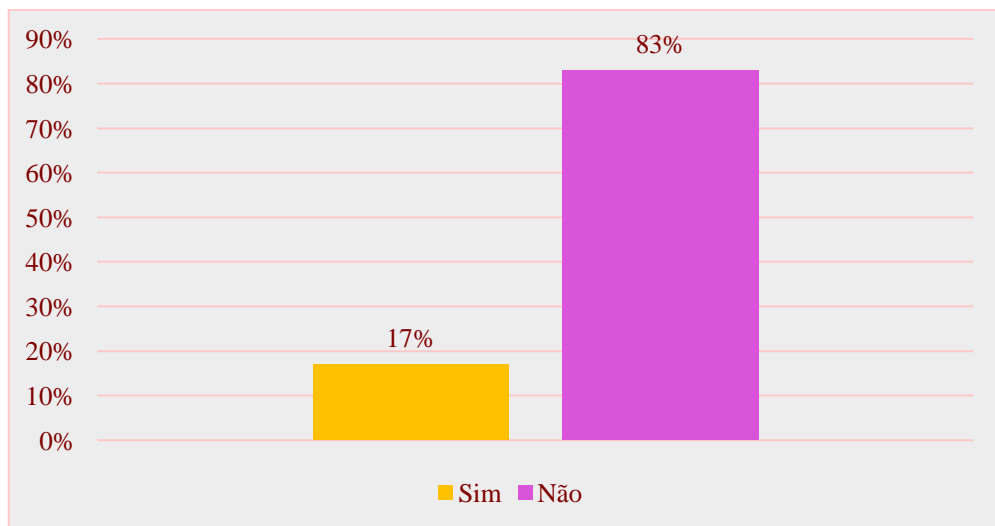
**Gráfico 7:** No seu estágio supervisionado você observou se a sala da AEE é utilizada?



Fonte: Pesquisadora, 2020.

Conforme o Gráfico 7, identificamos através dos resultados que, o que realmente é observado na prática, porque a grande maioria das escolas não possui salas de recursos e quando tem não é utilizada, limitando assim a permanência do aluno deficiente apenas na sala de aula. O que o profissional pode fazer se não dispõe de recursos e escola só se preocupa em matricular, para se intitular modelo de inclusão, mas na prática o professor se desdobrará para atender da melhor maneira as necessidades daquele aluno ou simplesmente “faz de conta que ele está incluído”. É necessário que seja repensado acerca do que é de fato a educação inclusiva e como ela acontece na escola, porque somente com um olhar acima de tudo humanizado lutará pra que na escola o aluno com algum tipo de patologia seja incluído em qualquer atividade.

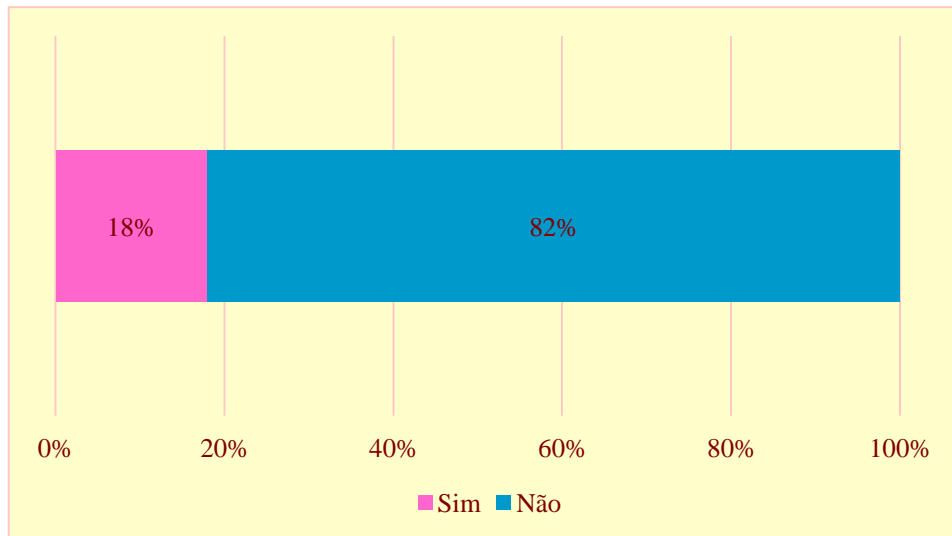
**Gráfico 8:** Você acredita que na prática as leis de inclusão são efetivadas no ambiente escolar?



Fonte: Pesquisadora, 2020.

De acordo com o Gráfico 8 acima, podemos perceber que, ao ser questionado sobre a efetivação da lei de inclusão no ambiente escolar, os participantes são praticamente unânimes ao afirmarem que não. Ressalta que para a formação do docente é importante que obtenha conhecimentos das leis que asseguram o direito às crianças com deficiências, pois só assim ao atuarem em determinada instituição de ensino, ele saberá se o que é previsto pela lei é efetivada, sabe-se que nem tudo é possível, principalmente quando os projetos não saem dos gabinetes de quem realmente pode fazer algo e a escola tendo que se virar para cumprir o que é determinado.

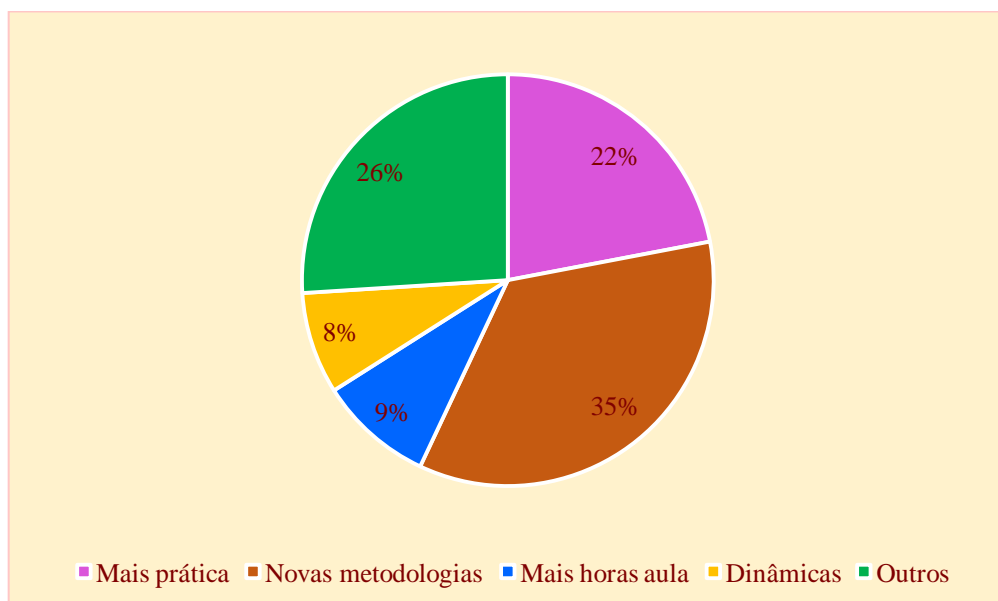
**Gráfico 9:** Nos estágios, você viu algum investimento na escola em relação à melhoria do atendimento às crianças especiais?



Fonte: Pesquisadora, 2020.

A partir do Gráfico 9, percebemos que, 82% falaram que não acontece um investimento na escola em relação a proporcionar melhorias ao atendimento das crianças especiais, então, a maioria é apenas feita a matrícula e a criança participa das aulas, mas não quer dizer que é de fato inclusão. Isso se torna algo muito preocupante, pois não basta apenas fazer a matrícula da criança, a escola tem a responsabilidade de oferecer um ensino de qualidade, para que possa ser desenvolvida as habilidades dessa criança.

**Gráfico 10:** O que você sugeria para os estágios supervisionados em relação a Educação inclusiva?



Fonte: Pesquisadora, 2020.

Conforme o Gráfico 10, podemos analisar por meio dos resultados que, foram escolhidas mais de uma opção, mas destacando-se a necessidade de novas metodologias, é imprescindível que o profissional esteja sempre aperfeiçoando suas metodologias, principalmente quando se tratar de lidar com crianças com deficientes matriculadas em sua sala de aula, pois mesmo que na escola aja uma luta para que aconteça a inclusão, o desenvolvimento daquele aluno em parte dependerá do professor.

Talvez por algum tipo de desmotivação, mas na maioria das vezes ouve-se do professor que tal aluno não aprende, e isso ocasiona em uma falsa inclusão, tornando-se segregação. Dentre as alternativas marcadas no questionário quero frisar uma resposta que o participante descreveu ao final da folha marcando a opção outros, onde o mesmo diz que “Que os estagiários (as) tivessem a oportunidade de se especializar mais na área da educação inclusiva, não apenas ter conhecimento das leis, e sim ter domínio de metodologias que incluam esses alunos, além de uma melhoria na estrutura da escola. Acredito que essa área da educação precise de uma maior atenção nos cursos de formação de professores.” Cunha (2016, p. 140) diz que “as condições da inclusão alicerçam-se na forma de construir o currículo escolar, o aluno e o professor.”

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O componente curricular de Estágio Supervisionado é um processo determinante na formação tanto profissional como também pessoal do estudante que cursa licenciatura, é importante destacar que ainda existem muitas dificuldade se que a teoria e prática se diferem em alguns momentos, pois a preparação para o contato com a sala de aula é cheia de expectativas.

Diante a todo percalço que leva-nos a refletir como seria importante que os estagiários tivessem mais proximidade com a educação inclusiva nos períodos em que antecedem e que acontecem os estágios supervisionados salientando que eles ocorrem em três momentos do curso em licenciatura, faz-se necessário que os estudos no campo da educação inclusiva ganhem mais visibilidade dentro da universidade.

Precisamos incluir atividades práticas na sala de aula com forma preparação para a realidade, para que os alunos não só vejam as teorias relacionadas à inclusão, mas que aprimore seus conhecimentos na pratica. No questionário aplicado os estudantes foram unânimes nas respostas quando se tratava da insegurança e que o estágio supervisionado não proporcionava habilidades e competências para lidar com crianças especiais, isso reforça a importância de trazer a discussão a respeito dos cursos proporcionarem um contato mais próximo com essa realidade que é presente nas escolas onde há muitos alunos com deficiências que carecem de cuidados especializados, portanto é indispensável que os componentes curriculares destinados a ministrarem aulas sobre a educação inclusiva não se limitem apenas a teorias.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). **Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática**. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf](http://www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf); acesso em: 17 de Novembro 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 30 set 2020.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. *Proposta de Diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior*. Brasília, maio 2000.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 01 de Outubro 2020.

**DECLARAÇÃO DE SALAMANCA**: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 18 novembro 2020

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

JESUS, Denise M. de. **Inclusão escola, formação continuada e pesquisa-ação colaborativa**. In: BAPTISTA, Claudio R (Org.). *Inclusão e escolarização*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

PASSERINI, Gislaire Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL**. 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000126402> Acesso em: 7 novembro 2020.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 5ed. São Paulo: Cortez, 2010.

## APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

Prezados (as) alunos (as)

Sou aluna do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Estou desenvolvendo uma pesquisa para o TCC (Trabalho de conclusão de curso) com o tema “Estágio Supervisionado e a Educação inclusiva”. Assim espero contar com o seu apoio, respondendo a este questionário. Comprometo-me a manter sigilo das informações aqui obtidas. Desde já agradeço a sua contribuição.

### Questionário

#### Dados Pessoais

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: ( ) F ( ) M ( ) Outros

Formação: ( ) Ensino médio ( ) graduando ( ) outros

Curso \_\_\_\_\_ período: \_\_\_\_\_

Já concluiu outro curso superior? ( ) sim ( ) não. Caso sim, qual? \_\_\_\_\_

1. Você considera que o estágio supervisionado te proporciona habilidades e competências para lidar com alunos especiais?

( ) Sim ( ) Não

2. Você conhece algum método que possa ser trabalhado em sala de aula com aluno com algum tipo de deficiência?

( ) Sim ( ) Não

3. Mediante experiência adquirida no estágio você se considera apta(o) para lidar com alunos especiais?

( ) Sim ( ) Não

4. Você considera a formação dos profissionais da educação suficiente para atender crianças com deficiências?

( ) Sim ( ) Não



5. A escola que você estagiou dispõe de algum tipo de formação sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais?

Sim  Não

6. A escola que você estagiou dispõe de estruturas físicas e recursos didáticos onde o professor possa ter suporte para ministrar sua aula para os alunos especiais?

Sim  Não

7. No seu estágio supervisionado você observou se a sala da AEE é utilizada?

Sim  Não

8. Você acredita que na prática as leis de inclusão são efetivadas no ambiente escolar?

Sim  Não

9. Nos estágios, você viu algum investimento na escola em relação à melhoria do atendimento às crianças especiais?

Sim  Não

10. O que você sugeria para os estágios supervisionados em relação a Educação inclusiva:

Mais prática

Novas metodologias

Mais horas aula

Dinâmicas

Outros. Cite: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por todo o Seu amor por mim e por sempre cuidar e enviar pessoas maravilhosas à minha vida e por fortalecer a minha fé e me fazer crer em dias melhores, sem ELE nada sou.

Ao Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira, por sua paciência, dedicação e orientação com este trabalho. Sou muito grata.

À minha mãe pelo incentivo e apoio mutuo, por cada noite que ficou acordada até tarde para não me deixar sozinha e por cada madrugada que acordou antes de mim para que assim eu não perdesse o ônibus.

Aos meus irmãos, sou imensamente grata por toda a ajuda, apoio e por sempre acreditarem em mim.

Ao meu pai João (in memoriam) que sempre esteve nos meus pensamentos ao longo da minha vida pessoal e acadêmica.

À minha amiga e companheira dos trabalhos e perrengues acadêmicos, Aparecida, pois como sempre disse: você é minha turma, obrigada pelo seu apoio incondicional.

Às minhas amigas Shayane e Juricelly, vocês são presentes de Deus, amo vocês.

À minha amiga Simone, gratidão por todo incentivo e apoio desde antes de adentrar na UEPB, por ter acreditado em mim e principalmente por ter ficado horas na lanhouse acompanhando o resultado da seleção para fazer minha matrícula.

À minha amiga Maiara Pereira por todas as vezes que me acolheu com palavras de incentivo e apoio.

A todos os meus colegas de turma, em especial à Maria Emília, Hericka Thays e Érica Barbosa, as quais eu tive honra de compartilhar minhas manhãs, e também aos meus professores por todas as contribuições para minha formação, vocês foram incríveis e os levarei para sempre no meu coração.